



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

RAISSA SANDRÉ FERNANDES DE LIMA

RELATOS DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE SÃO BENTO - PB: REFLEXÕES
SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

RAISSA SANDRÉ FERNANDES DE LIMA

**RELATOS DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE SÃO BENTO - PB: REFLEXÕES
SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado Departamento de Letras e Humanidades (DLH) do Curso Licenciatura Plena em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Português.

Área de concentração: Didático-pedagógica

Orientador (a): Profa. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732r Lima, Raissa Sandre Fernandes de.
Relatos de empregadas domésticas de São Bento - PB:
Reflexões sobre práticas de letramento. [manuscrito] / Raissa
Sandre Fernandes de Lima. - 2023.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Bianca Sonale Fonseca da Silva,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Letramento. 2. Empregadas domésticas. 3.
Analfabetismo funcional. 4. Educação de Jovens e Adultos. I.
Título

21. ed. CDD 374.012

RAISSA SANDRÉ FERNANDES DE LIMA

RELATOS DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE SÃO BENTO - PB: REFLEXÕES
SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado Departamento de Letras e Humanidades (DLH) do Curso Licenciatura Plena em Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras – Português.

Aprovada em: 30/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



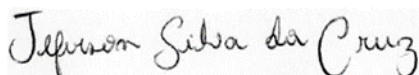
Profa.Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB



Prof. Esp. Jeferson Silva da Cruz (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que me deu saúde, força e sabedoria para a batalha de todos os dias. Aos meus colegas de curso que assim como eu encerram uma difícil batalha da vida acadêmica. Ao meu esposo com quem eu compartilho a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, que me possibilitou realizar esse sonho. A minha mãe, por sempre acreditar que eu seria capaz de conquistar os meus objetivos. A minha orientadora, que juntamente com a universidade me proporcionaram realizar a pesquisa.

Enfim, sou grata a todos os professores que me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos, sempre empenhados em dar o seu melhor na sala. Também sou imensamente grata aos meus colegas de turma, que sempre me ajudavam nas atividades de forma compreensiva, como também ao meu marido, pelo apoio durante todo o curso.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: TRAJETÓRIA, REPRESENTAÇÕES E ESCOLARIZAÇÃO.....	9
2. 1. Trajetória do trabalho doméstico no Brasil	9
2. 2. Representações das empregadas domésticas: a busca pela ascensão social	12
2. 3. Escolarização das camadas populares: EJA e a cultura letrada	14
3. LETRAMENTO, ANALFABETISMO FUNCIONAL E INCLUSÃO SOCIAL	17
3. 1. O conceito de letramento: fundamentos e habilidades relacionadas	17
3. 2. Analfabetismo funcional: as demandas linguísticas e a expansão tecnológica	19
3. 3. O letramento como ferramenta de inclusão de grupos marginalizados	21
4. METODOLOGIA	24
5. TRABALHO DOMÉSTICO E ESCOLARIZAÇÃO: VOZES DE EMPREGADAS QUE ECOAM NO SERTÃO PARAIBANO	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7. REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES	36
APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	36
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS	37
ANEXOS	39
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	39

RESUMO

As noções de letramento são recentes e traçam o poder transformador da educação para grupos marginalizados. A presente pesquisa tem como problemática as implicações das práticas de letramento no ensino de língua portuguesa considerando os relatos de empregadas domésticas do município de São Bento – PB. Estabeleceu-se como objetivo geral: discutir sobre o trabalho doméstico no Brasil e as práticas de letramento em um contexto de desigualdade social e analfabetismo funcional. E como objetivos específicos: conhecer a trajetória do trabalho doméstico e as práticas de letramento no Brasil; analisar de que maneira as práticas de letramento colaboram para se pensar o ensino de língua portuguesa em um país desigual e discutir o papel da escola no que tange ao ensino de língua portuguesa a partir dos relatos das cinco domésticas de São Bento –PB entrevistadas. O arcabouço teórico contempla a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e autores como Freire (2003), Rojo (2009), Soares (2009), Souza (2009) e Targino et al. (2017). As metodologias utilizadas consistem em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo de cunho qualitativo, através de entrevistas com cinco empregadas domésticas de São Bento – PB. Através do levantamento bibliográfico e das entrevistas, foi possível visualizar o cenário persistente de abandono escolar e analfabetismo funcional entre parcelas carentes da população brasileira. Almeja-se a melhoria das condições de vida das empregadas domésticas e a oportunizar o acesso, permanência e qualidade no ensino regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de mais pesquisas e capacitações voltadas ao letramento.

Palavras-chave: Letramento. Empregadas domésticas. Analfabetismo funcional. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Literacy notions are recent and trace the transforming power of education for marginalized groups. The present research has as problematic the implications of literacy practices in the teaching of the Portuguese language, considering the reports of domestic servants in the municipality of São Bento - PB. The general objective is: to discuss domestic work in Brazil and literacy practices in a context of social inequality and functional illiteracy. And as specific objectives: to know the trajectory of domestic work and literacy practices in Brazil; to analyze how literacy practices collaborate to think about Portuguese language teaching in an unequal country and to discuss the role of the school in terms of Portuguese language teaching based on the reports of the five maids interviewed in São Bento -PB. The theoretical framework includes the National Common Curricular Base (BRASIL, 2018) and authors such as Freire (2003), Rojo (2009), Soares (2009), Souza (2009) and Targino et al. (2017). The methodologies used consist of bibliographic research and qualitative field research, through interviews with five maids from São Bento - PB. Through the bibliographic survey and interviews, it was possible to visualize the persistent scenario of school dropout and functional illiteracy among poor portions of the Brazilian population. The aim is to improve the living conditions of domestic workers and to provide access, permanence and quality in regular education and Youth and Adult Education (EJA), in addition to more research and training focused on literacy.

Keywords: Literacy. Housemaids. Functional illiteracy. Youth and adult education.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa toma investiga as implicações do letramento e condições de aprendizagem de grupos marginalizados, tais como as domésticas. Justifica-se a discussão pelo interesse dos pesquisadores no letramento nas últimas décadas, incluindo as crescentes demandas de um mundo globalizado na qual se requer cada vez mais usos efetivos da escrita e leitura. A problemática reside no desenvolvimento do letramento nas camadas populares, considerando o questionamento: qual o arcabouço das principais práticas de letramento desenvolvidas nas escolas considerando os relatos das cinco domésticas questionadas?

O fundamento para a execução da pesquisa é o número alarmante de brasileiros que se encaixam no conceito de analfabetismo funcional. Nesse sentido, as cinco empregadas domésticas são-bentenses entrevistadas se enquadram como campo de investigação perante suas trajetórias escolares. É fundamental apontar as pesquisas que tratam dos usos efetivos da linguagem para formar cidadãos capazes de se utilizar de habilidades linguísticas competentes, muito além da ascensão social.

Toma-se como objetivo geral discutir sobre o trabalho doméstico no Brasil e as práticas de letramento em um contexto de desigualdade social e analfabetismo funcional. Os objetivos específicos incluem: conhecer a trajetória do trabalho doméstico e as práticas de letramento no Brasil; analisar de que maneira as práticas de letramento colaboram para se pensar o ensino de língua portuguesa em um país desigual e discutir o papel da escola no que tange ao ensino de língua portuguesa a partir das narrativas das cinco domésticas de São Bento – PB entrevistadas.

Abrange-se autores como Targino et al. (2017), Rojo (2009) e Soares (2009). Foram utilizadas as metodologias de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com um questionário, adotando uma abordagem qualitativa. A estrutura abrange três tópicos: O primeiro resume a trajetória do trabalho doméstico no Brasil e as principais representantes reais e fictícias da classe doméstica. O segundo tópico traz noções de letramento e EJA. O tópico final é voltado a análise dos relatos das entrevistadas.

Por fim, através dos resultados revelou-se o cenário persistente de abandono escolar e analfabetismo funcional entre parcelas carentes da população brasileira. É requerida a melhoria das condições de acesso, permanência e qualidade do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de mais pesquisas e capacitações voltadas ao letramento.

2. O TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: TRAJETÓRIA, REPRESENTAÇÕES E ESCOLARIZAÇÃO

2. 1. Trajetória do trabalho doméstico no Brasil

Antes de refletir acerca do fenômeno do letramento e da escolarização das camadas populares, é de suma relevância refletir acerca do passado do trabalho doméstico no Brasil. Inicialmente, o trabalho doméstico tem suas raízes formadas ainda no período colonial escravista (1500-1800), no qual os trabalhos eram feitos por crianças, jovens e principalmente por mulheres, que em sua maioria eram negras ou indígenas. Essa tradição se reproduzia pela prática comum de vender e alugar escravos domésticos nas casas de senhores proprietários de fazendas. As escravas encarregavam-se de cuidar da residência, da limpeza e também da cozinha.

Segundo Santos (2010, p. 47) aborda em sua dissertação, o cenário desolador do trabalho doméstico continuou desde a colonização, passando pela independência e abolição até o século XX fazendo parte da cultura das famílias burguesas brasileiras. Ao mesmo tempo, durante esse período, o sistema jurídico recebia muitos casos problemáticos e medidas precisavam ser tomadas para contornar situações de trabalho análogas à escravidão.

Paralelamente, na época do Brasil Império (1822-1889), as mulheres da classe dominante passaram a se preocupar com as atividades domésticas. Com o patriarcalismo exportado da Europa, começaram a surgir manuais com regras de etiqueta, de como a mulher podia ser uma boa dona de casa e como cuidar bem de seus filhos. A partir desses pressupostos, garantia-se supostamente, a prosperidade dos seus lares: o trabalho das subalternas era primordial para reproduzir esse modelo europeu, seja nas atribuições de limpeza, cozinheiras, babás e ajudantes diversos.

Logo, a situação das criadas brasileiras ficou ainda pior. A abolição da escravatura concedida pela Lei Áurea (1888) provocou um fenômeno no qual muitas vezes os serviçais não tinham um local para se abrigarem, nem o que fazer para sobreviver, já que passaram suas vidas sendo escravizados. Assim, Santos (2010, p. 47) assinala que a primeira norma do trabalho doméstico foi publicada somente em 1923, onde a atividade foi classificada incluindo cozinheiros, ajudantes, copeiros, lavadeiras, engomadeiras, amas de leite, costureiras e damas de companhia.

A despeito disso Santos (2010, p. 61) defende que antes da promulgação da Constituição de 1988, a categoria ainda não tinha direito à definição de horas diárias. A jornada de trabalho ficava a critério do empregador e raramente se negociava os contratos, principalmente nos casos em que a trabalhadora reside no emprego. Por consequência, eram comuns rotinas extensas com múltiplas funções até a madrugada: a conjuntura reforçava o modelo escravocrata.

Conseqüentemente, a categoria que presta serviços domésticos no Brasil perdurou durante séculos refém de uma legislação injusta e rodeada de estigmas. Iniciados na profissão ainda crianças ou adolescentes, muitos não tiveram oportunidade de estudar e até hoje essa realidade educacional se reproduz. Não obstante, aqueles que optam pelos serviços domésticos muitas vezes não tiveram oportunidades em outras áreas por falta de qualificação. Comumente, são analfabetos ou tem um nível de leitura básico para as tarefas requeridas.

Por isso, a classe das domésticas é amplamente estudada por sociólogos contemporâneos para compreender as injustiças que essas profissionais vivenciam. Um desses sociólogos é Jessé Souza (2009) em sua obra "A Ralé Brasileira". Conforme Souza (2009, p. 15) as empregadas e demais trabalhos precários do Brasil da contemporaneidade são vítimas de uma violência simbólica, que não "aparece" como violência, mas que possibilita e legitima a naturalização de uma desigualdade sem precedentes por meios modernos, além da simbologia do "chicote" escravista.

A perpetuação das desigualdades, nesse sentido, pode ser exemplificada no apoio de projetos que prejudiquem o acesso ou permanência das classes populares na escola, na previdência ou nos programas sociais. Quando a classe das diaristas e relacionadas é estigmatizada e sua dignidade lhe é ceifada, a desigualdade se perpetua em um país de abismos sociais históricos. O trabalho doméstico é árduo e ainda tem muito a ser regulado pela lei, porém, tira muitos brasileiros da miséria e eleva muitas mães de família a categoria de arrimos da família.

Historicamente, a classe doméstica carrega trajetórias de luta, pois o estado brasileiro negligenciou os direitos da categoria durante um longo período. Diaristas, cozinheiras, babás e lavadeiras ajudaram a formar a sociedade brasileira em seu núcleo. As considerações de Carneiro e Rocha (2009, p. 125) no capítulo intitulado "O drama na ascensão social de empregadas domésticas" detalha claramente os pontos que caracterizam a categoria:

A profissão de empregada doméstica é um dos principais meios dos quais as mulheres que vivem sob condições sociais precárias podem dispor para obter renda. Um trabalho que certamente exige muito esforço, mas que depende de pouca qualificação. Ao longo da segunda metade do século passado e durante estes últimos anos, as empregadas vêm obtendo uma série de melhorias em sua condição de trabalho: por exemplo, a “carteira assinada” que lhes garante estabilidade de renda e de direitos, [...] muitas delas, além de não terem carteira de trabalho assinada, eram agregadas das casas de família em que trabalhavam, não contando sequer com [...] vida particular [...] (CARNEIRO E ROCHA, 2009, p. 125)

Dessa forma, o emprego doméstico ainda é arrimo de muitas famílias e torna diversas mulheres de alguma forma “independentes”, libertas da pobreza extrema e de casamentos abusivos, nos quais muitas esposas dependem de parceiros violentos. Todavia, deve ser ressaltado o aspecto citado acima pelo qual muitos serviços não contavam sequer com vida privada. O mundo particular desses funcionários eram o “quartinho da empregada”, estrutura pela qual os empregadores conseguiam controlar a vida pessoal e profissional, ambientes insalubres de segregação.

Enfim, muitas profissionais se submetiam a privação, pois não tinham um local para se abrigar nem o que fazer para sobreviver. Era uma forma de refúgio, já que teriam um mínimo para sobreviver: casa, comida e vestimentas. Ficavam com seus senhores apenas em troca de abrigo e proteção, porém, por vezes não eram assalariados (as).

Atualmente, Carneiro e Rocha (2009, p. 125) consideram que a profissão de doméstica não se caracteriza mais por uma exploração sem regulações. Os funcionários possuem direitos e certas estabilidades, pois contam com sua vida particular no contexto da expansão urbana. Os novos padrões de consumo são uma possibilidade de “viver melhor”, todavia, com a chegada do século XXI os abismos sociais se expandiram e se requeria ações urgentes.

Assim, o dispositivo mais importante dos últimos anos foi a Proposta de Emenda a Constituição (PEC) nº 66 de 2012, apelidada de “PEC das Domésticas” que alterava o artigo 7º da Constituição [...] “para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e demais trabalhadores urbanos e rurais. ” (BRASIL, 2012, p. 2) Através da PEC, muitos profissionais garantiram seus direitos trabalhistas (férias, 13º salário, reajuste, licença-maternidade). Porém, a informalidade na categoria ainda atinge altos índices: agora, é importante conhecer as principais representações das domésticas no país.

2. 2. Representações das empregadas domésticas: a busca pela ascensão social

Em primeiro lugar, a classe dos trabalhadores domésticos no Brasil é volumosa e conta com um número considerável de representantes na sociedade civil e nas grandes mídias, como a televisão. Considerando essas diversas camadas, é essencial conhecer a trajetória de Lenira Maria de Carvalho discutida por Santos (2018), a figura de Leninha por Carneiro e Rocha (2009) e as personagens de telenovelas brasileiras destacadas por Moura (2015), Silva (2020) e Souza e Dalbeto (2013).

A partir do conhecimento de tais figuras reais e fictícias, é possível traçar a importância, práticas de letramento e conjunturas sociais da vida de cada um desses indivíduos. Um ponto a ser destacado é o poder de cada um dos discursos imbricados, assim como o racismo circundante às mulheres negras sendo o palco de discussões na política, na sociologia, na literatura e na televisão brasileira.

Um dos ícones da classe doméstica no Brasil foi Lenira Maria de Carvalho. Santos (2018) desenvolve uma pesquisa acerca da vida da líder sindical falecida em 2021. Na infância, Lenira Maria nasceu em Alagoas e foi convidada para trabalhar na casa do padrinho, no Recife, quando tinha apenas 14 anos, pois queria sair da zona rural e cuidar dos dentes. O padrinho prometeu estudo, porém nunca a matriculou em uma escola. A jovem aprendeu a ler com uma parente no engenho.

Ainda, Santos (2018, p. 47) assinala as práticas de leitura e letramento de Lenira Maria, que consistiam em ler todos os cordéis da casa de seu irmão: ela queria ler e escrever mais. Quem possibilitou que Lenira Carvalho fosse à escola foi a cozinheira da casa do padrinho, Maria do Carmo. Lenira envolveu-se com a Igreja Católica, e posteriormente com os sindicatos das trabalhadoras domésticas, logo, foi presa pela Ditadura Militar duas vezes e escreveu as obras: "Só a gente que vive é que sabe: depoimento de uma doméstica" e "A luta que me fez crescer".

Nesse sentido, Lenira Carvalho é uma das representantes máximas da luta das trabalhadoras domésticas no Brasil. Sua militância ajudou a alicerçar as conquistas da classe, como a carteira assinada e a PEC das domésticas. Posteriormente, outra figura interessante para ser analisada é a doméstica Leninha, evidenciada por Carneiro e Rocha (2009, p. 135) em um capítulo da obra "A ralé brasileira" organizada por Souza (2009). Nascida em um contexto de miséria extrema, Leninha fica admirada pela rotina dos patrões e é refém de um marido aproveitador.

Leninha encontra no consumismo e no trabalho uma forma de autoafirmação e independência. Queria se parecer com as irmãs, mas era analfabeta aos 16 anos. Percebeu que diferente de onde vinha, onde não ter leitura é um fator indiferente, na metrópole [...] “os rapazes burgueses só respeitam as moças de família que têm estudo, são educadas e têm bom gosto”. (CARNEIRO E ROCHA, 2009, p. 135)

A serviçal, nesse prosseguimento, representa uma parcela confortável com a sua ocupação, mas que lamenta não ter tido acesso à educação por estar refém da fome que assola muitas famílias. Igualmente, Carneiro e Rocha (2009, p. 135-136) demonstram o quatinho de Leninha não tinha espaço para romantismo. Quando via sua irmã escrevendo cartas de amor, lamentava não ter se esforçado para estudar. Leninha direciona suas expectativas para a filha que teve com o segundo marido.

Portanto, os relatos dos autores levantam uma série de pontos relevantes na sociedade brasileira contemporânea: o trabalho infantil e o romantismo. O trabalho era a forma de driblar a fome, porém, afetou a escolarização da diarista. A desconstrução de visões românticas europeias é evidenciada a partir do abuso emocional nos dois casamentos de Leninha.

Ademais, as representações midiáticas das empregadas domésticas brasileiras, especialmente nas “Telenovelas da Globo”, também são ponto de reflexão. Primordialmente, a temática da ascensão social, também permeia as histórias de diaristas e babás em telenovelas, assim como Moura (2015, p. 57) cita a ambiciosa babá Nice (Glória Pires) de “Anjo Mau” (1997), que arquiteta a oportunidade de enriquecer seduzindo Rodrigo, irmão da patroa, um homem noivo.

Pode se ressaltar nesse aspecto, outrora, como a classe doméstica era representada nas telas de maneira superficial. Apesar da exceção da personagem Nice, muitas obras orbitam a questão da subserviência dos empregados a vida dos patrões. Souza e Dalbeto (2013, p. 1892) destacam a doméstica Ritinha (Juliana Paes) na telenovela “Laços de Família” (2000): a personagem era assediada pelo patrão Danilo: posteriormente, Ritinha engravida e morre durante o parto.

Através das representações, os telespectadores tecem as visões perante a classe doméstica e se solidarizam. O lugar do racismo também é relevante: Moura (2015, p. 61) cita a novela “Da Cor do Pecado” (2004), na qual a feirante e doméstica Preta (Taís Araújo) é alçada a primeira protagonista negra da Globo. Levantava-se as problemáticas do relacionamento com Paco, homem branco e filho de um empresário.

A classe das domésticas é elevada ao protagonismo na telenovela “Cheias de Charme” (2012) em pleno ano de aprovação da “PEC das domésticas”. Conforme Moura (2015, p. 51) Penha, Cida e Rosário alcançam a ascensão social formando o grupo musical “*Empreguetes*” a despeito das patroas. Representando um avanço, a produção evidencia a possibilidade de se ascender socialmente através do talento.

Tais aspectos dialogam com o posicionamento de Souza (2009, p. 24) quando defende que o trabalhador muitas vezes é considerado somente na condição de “mero corpo” e também “um mero dispêndio de energia muscular. ”. Por conseguinte, é reconhecível a descrença dos meios elitistas de que as empregadas domésticas não possuíam mecanismos de saída da posição de marginalidade. Assim como as protagonistas supracitadas superaram a posição de subjugação e dificuldades financeiras, o trabalhador poderia ascender pela suposta meritocracia.

Contudo, a temática da meritocracia e do racismo é levada ao patamar máximo com a personagem quilombola Raquel (Erika Januza) na novela “O Outro Lado do Paraíso” (2017). De acordo com Silva (2020, p. 70) a empregada doméstica Raquel é demitida do cargo em razão do racismo e de relacionamento inter-racial. Porém, direciona seus esforços para cursar a faculdade de Direito e alcança o posto de juíza.

Assim, as figuras reais e personagens apresentados auxiliam na concepção de que as empregadas domésticas, historicamente, carregam consigo muitas trajetórias de luta. Lenira Carvalho, principalmente é um dos ícones da classe doméstica no Brasil e é fruto de um percurso de letramento. Os exemplos da personagem fictícia Raquel, também chamam atenção para jovens negros ou de classes populares buscarem a ascensão social através da educação, perpassando a escolarização e o desenvolvimento do letramento que é ponto chave nos próximos tópicos.

2. 3. Escolarização das camadas populares: EJA e a cultura letrada

Factualmente, a escolarização, a alfabetização e o letramento das camadas populares e da classe doméstica são permeadas por obstáculos. Um deles é a pobreza, que leva a evasão escolar e ao trabalho infantil. De modo igual, a gravidez na adolescência, *bullying* e problemas de aprendizado afastam muitos jovens da escola. Programas sociais das últimas décadas ajudaram a melhorar o cenário negativo, mas os casos ainda se repetem.

Dada a situação, era indispensável a criação de um projeto que acolhesse indivíduos que não conseguiram se alfabetizar ou não concluíram a escolarização na idade adequada. A ação prevista foi a Educação de Jovens e Adultos (EJA), fundamentada no artigo. 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A Lei 9.394 de 1996 reforçava: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” (BRASIL, 1996, p. 19)

Logo, as instituições trataram de organizar os cursos supletivos e de alfabetização, pois a lei previa que os sistemas de ensino deveriam assegurar educação gratuita aos jovens e adultos que não puderam estudar na modalidade regular. A partir do perfil dos alunos, o estado se viu obrigado a viabilizar e estimular o acesso e a permanência dos trabalhadores nos colégios. A partir desse desenvolvimento, empregados domésticos e demais brasileiros das camadas populares conseguiram concluir a os seus estudos.

Porém, muitos resultados não refletiram os cenários planejados. Cabe ressaltar que segundo Campos e Sá (2017, p. 157) as metodologias adotadas na EJA são inadequadas, posto que se ignora as experiências do público alvo. Por isso, a EJA deve adotar uma abordagem multicultural, inclusiva e não discriminatória. As razões do abandono e evasão escolar são diversas e os professores também possuem responsabilidades, como apontam Campos e Sá (2017) abaixo:

Entre elas, mencionam-se: dificuldades financeiras; doenças; mudanças de endereço ou de cidade; violência urbana e escolar; problemas familiares; e cansaço físico e mental devido à jornada intensa de trabalho. Além do mais, há, algumas vezes, desinteresse pela aula proveniente do uso inadequado das metodologias adotadas, o que, com frequência, advém do despreparo e do descaso do educador diante de seu fazer pedagógico, carecendo de incentivos capazes de instigar o educando em sala de aula com propostas inovadoras, criativas e próximas de sua realidade social. (CAMPOS E SÁ, 2017, 161)

Mediante as informações e apesar de tantos projetos, as instituições da educação de jovens e adultos possuem uma coleção de indivíduos esgotados do trabalho, que encontram em uma pequena janela da rotina a chance de estudar e não se sentem acolhidos. As práticas de letramento dos empregados domésticos, por exemplo, são marcadas por poucas oportunidades de leitura efetiva na escola, e as rotinas no trabalho são ainda mais limitadas e podem ser analisadas.

Resende (2008, p. 25) na sua dissertação intitulada “Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito” analisa a rotina de quatro empregadas, os principais textos que tem contato e a relevância do ambiente nas práticas de leitura. Foram elas: Cleonice, Graça, Nazira e Suely. Somente Cleonice estudava e as outras não pretendiam voltar a estudar. (RESENDE, 2008, p. 135)

Assim, segundo Resende (2008) das quatro entrevistadas: “três integram igrejas evangélicas” (p. 136); “todas leem e escrevem bilhetes e telefonemas” (p. 139); “todas sabem cozinhar sem livros de receitas” (p. 148); “apenas Cleonice ajuda nas tarefas escolares da filha dos patrões” (p. 163). Vê-se que as famílias das profissionais entrevistadas pela autora possuem suas rotinas circundantes a práticas de escrita e alguns funcionários semianalfabetos tiveram que se adaptar.

Enfatiza-se, a partir das informações levantadas por Resende (2008) que tais domésticas convivem em meios letrados e suas rotinas as aproximam da escrita, mesmo que de maneira incipiente. A rotina de trabalho inclui a necessidade de fazer listas, bilhetes e separar livros e outros recursos que obrigaram essas funcionárias a acionar critérios de letramento de forma a executar essas tarefas.

Do mesmo modo, Canto (2011) pesquisa as trajetórias de domésticas estudantes da EJA. A autora afirma que a categoria tem trajetória de idas e vindas na escola, entretanto, muitas mulheres tem uma relação distante do saber escolar; algumas almejam somente um certificado, outras zelam pela convivência, enquanto uma parte quer apenas “se sentir gente”. (CANTO, 2011, p. 111)

Nesse sentido, a inclusão é parte decisiva para as camadas populares na escola, pois “não basta incluir os sujeitos na EJA, é necessário garantir sua permanência” (CANTO, 2011, p. 51). Deve-se, assim, propiciar condições de continuidade: flexibilidade de horários, transporte e alimentação. Esses direitos não são responsabilidade apenas da escola, mas da sociedade em um processo contínuo. A pandemia de *Covid-19*, inclusive, agravou o problema ao fechar as escolas.

Assim sendo, é de suma importância a reflexão de Campos e Sá (2017, p. 157) quando defende que a educação de qualidade para jovens e adultos permite mudanças nos relacionamentos dos envolvidos, abrindo possibilidades profissionais. A EJA é um recurso essencial para a efetivação de uma cultura letrada em um país repleto de desigualdades. Não consiste apenas em novas oportunidades de profissão, mas oportunizar a leitura de mundo por parte de camadas estigmatizadas.

3. LETRAMENTO, ANALFABETISMO FUNCIONAL E INCLUSÃO SOCIAL

3. 1. O conceito de letramento: fundamentos e habilidades relacionadas

Após as reflexões acerca da classe das empregadas domésticas, suas representações e oportunidades de escolarização e letramento em um país repleto de desigualdades, é importante refletir acerca desse último conceito de letramento, em particular. O presente tópico desenvolve algumas noções acerca do surgimento do conceito de letramento, bem como as diretrizes que o fundamentam. Os próximos tópicos tratam do analfabetismo funcional e a inclusão em meios marginalizados.

Inicialmente, é pertinente considerar que o conceito atual de letramento é bastante recente. O letramento surge como um conceito relevante na década de 1980. Conforme os estudos de Soares (2009, p.23), o letramento surge da década de 1980 diretamente ao conceito estadunidense *literacy*, não correspondendo a uma habilidade fechada, mas uma escala que avaliou as capacidades de leitura, escrita, compreensão, análise de tabelas, mapas e reportagens.

Dessa maneira, os primeiros professores norte-americanos que estudaram os níveis de letramento observavam o que os estudantes eram capazes, extraíndo ao máximo diferentes materiais escritos de diferentes áreas. Através dessas pesquisas, chegou-se à conclusão de que o grande problema foi a capacidade do alunado fazer usos efetivos da escrita e de diferentes recursos.

Diferentemente da base estadunidense, a nação brasileira traz consigo um histórico de altos índices de analfabetismo e o ensino público cresceu timidamente ao longo do século XX. O estado como um todo somente comprometeu-se com a alfabetização das camadas populares a partir da metade do século XX, então, as habilidades avançadas de leitura e escrita interdisciplinar ainda eram distantes, além do fenômeno da fuga de profissionais capacitados do país ocorrer até hoje.

Freire (2003, p. 20) demonstra que a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra e a leitura desta implica uma continuidade. Dessa forma, as noções de letramento dos últimos anos respondem a essas altas demandas de leitura em uma cultura global, bem como a relevância dos conhecimentos de mundo diversificados, haja vista o avanço da globalização e a interconectividade. Não se trata de acumular conhecimentos e habilidades, mas utilizá-los de maneira útil e consciente.

Magda Soares (1999, p. 2) encontra a resposta para a demanda do letramento em uma entrevista, na qual afirma que “as sociedades, no mundo inteiro, tornaram-se cada vez mais centradas na escrita. ” As demandas por práticas efetivas de leitura e de escrita cresceram vertiginosamente, não só no papel, como nos meios tecnológicos. A educadora levantou, assim, a ideia de que o puro alfabetismo técnico não é autossuficiente para se socializar e responder às novas culturas letradas.

Os pressupostos dos autores do século passado reverberam até a atualidade, na qual a tecnologia ganha espaço, mas uma cultura letrada segue sendo primordial para os avanços educacionais e científicos em países desenvolvidos. Oliveira (2021, p. 24), em um artigo recente, defende que “O conceito de letramento pluralizou e ganhou amplitude semântica, nas últimas décadas, incorporando as perspectivas etnográfica e multimodal das relações com a linguagem à visão cognitiva e funcional”.

Destarte, a partir do advento da *internet* e da popularização da cultura de massas: redes sociais, bancos de dados e desenvolvimento da robótica, os usos sociais e as amplas habilidades da cultura letrada revelam-se ainda mais necessários em um mundo globalizado. Os professores de língua portuguesa da educação básica, especialmente, defrontam enormes desafios para o ensino perante esse cenário, pois a variedade de cobranças e gêneros textuais do século XXI é imensa.

Rojo (2009, p. 90) salienta a ampliação das demandas da vida e trabalho nas sociedades globalizadas, ocorrendo alta circulação da informação de forma incessante. Para a formação dos jovens, se requer uma noção apurada da língua em uso, socializando linguagem e texto e práticas didáticas pluralizadas, bem como a recorrência à multimodalidade ascendente.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta ao ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma à possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. ” (BRASIL, 2018, p. 67-68)

Enfim, diante do aval de uma base uniforme a ser aplicada em todo o país, as práticas de letramento contemporâneas reagem a expansão de textos semióticos e multimodais. Cabe aos educadores formarem os indivíduos de diferentes camadas populares em todo o Brasil para diferentes habilidades do letramento literário e leituras de mundo da contemporaneidade.

3. 2. Analfabetismo funcional: as demandas linguísticas e a expansão tecnológica

É fato que o cenário educacional brasileiro coleciona uma série de problemas graves na formação. Além do descaso com a escolarização das camadas mais marginalizadas (como a classe dos empregados domésticos) um número considerável não possui condições de permanência na escola. Aqueles que concluem o ensino básico, ocasionalmente, saem da escola sem atingir habilidades de leitura, análise e cálculo mínimos. Tal ocorrência de profissionais no mercado de trabalho sem o domínio de práticas de escrita e leitura, é chamada de analfabetismo funcional.

O Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) pesquisa e organiza dados através de diferentes institutos. Através dos dados disponibilizados nos últimos anos, revela-se os patamares e escalas de alfabetismo no Brasil. Nesse prosseguimento, é importante destacar os diferentes conceitos e escalas: segundo Targino (2017, p. 33) O analfabetismo absoluto corresponde a quem não teve acesso à educação e não executa leitura simples de palavras e frases, possivelmente lendo números.

Entretanto, os analfabetos funcionais incorporam um subgrupo, chamado de “rudimentares” que “conseguem ler e compreender textos curtos ou de linguagem bem familiar, a exemplo de propagandas, cartazes ou bilhetes. Sabem contar. Fazem operações aritméticas simples, como manusear cédulas [...]” (TARGINO, 2017, p. 33). Por isso, não se trata de uma categoria fechada, mas uma escala complexa: o alfabetismo rudimentar inclui problemas para ler textos e números longos.

Mesmo assim, funcionalmente alfabetizados também não são uma categoria rasa, dividindo-se em: elementares, intermediários e proficientes. Targino (2017, p. 35) frisa a ocorrência de pessoas que chegam ao ensino superior com dificuldades enormes de leitura. De maneira geral, o analfabeto funcional lê e escreve, entretanto não atende as demandas do dia-a-dia e tem desenvolvimento profissional afetado.

Portanto, o alfabetismo proficiente não corresponde a uma barreira, e os cálculos do INAF visam apenas quantificar as discrepâncias entre os níveis de alfabetismo entre várias faixas de escolaridade. O que chama atenção, de fato, são os índices de alfabetizados rudimentares no ensino superior. O fenômeno se expande em conjunto a rápida expansão da Educação à Distância (EAD) que carece de mais controle, haja vista o grande número de cursos sendo criados.

Porém, para se criar uma base educacional sólida e reduzir a alfabetização rudimentar que concluem a educação básica é necessário investimento, capacitação e condições de permanência em escolas das regiões mais remotas. Os cenários de abandono escolar daqueles que recorrem a profissões insalubres ilustram que infelizmente a escola ainda é um ambiente excludente em muitos lugares do Brasil.

Consoante Oliveira (2021, p. 26) destaca, é necessária a formação de docentes capazes de envolver os aprendizes no ensino-aprendizagem em ambientes diversos, nos quais as novas mídias e processos avaliativos são incorporadas como formas de aprendizagem. Através da pesquisa e trabalho colaborativo, desenvolve-se a inteligência coletiva, responsabilidade e autonomia. É urgente, para que essa conjuntura se concretize, a inclusão digital e superação da insegurança alimentar.

Dada expansão tecnológica, o domínio das tecnologias também representa um requisito para o letramento. Oliveira (2021, p. 28) acentua: “criar e compreender textos que incorporem diferentes modos semióticos é uma competência necessária nas diferentes instâncias da vida contemporânea, uma vez que a multimodalidade é constitutiva dos gêneros digitais que se tornam prevalentes[...]”.

Portanto, aqueles que não sabem lidar com os aparelhos tecnológicos podem ser considerados analfabetos digitais. É necessário formar docentes de língua portuguesa capazes de explorar as capacidades de analisar e construir textos digitais e multimodais, bem como utilizarem as ferramentas. Para isso deve se levar em conta os contextos de exclusão digital. A BNCC do Ensino Médio aponta medidas:

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, os processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/ consumidor), já explorada no Ensino Fundamental. (BRASIL, 2018, p. 498)

Assim sendo, diante dos conceitos da BNCC, os modelos de ensino bancário e avaliação deficitária devem ser repensados para contornar o analfabetismo funcional. O ensino engessado deve dar espaço às Tecnologias Digitais da Informação (TICs), de maneira que o processo de letramento chegue às camadas populares e ofereça novas perspectivas para estudantes da EJA e trabalhadores marginalizados.

3. 3. O letramento como ferramenta de inclusão de grupos marginalizados

Visto que os grupos marginalizados (tais como a categoria das domésticas) enfrentam uma série de dificuldades ao longo da vida escolar, convém evidenciar uma série de reflexões acerca das possibilidades do letramento. Nem tão somente o letramento, mas também a capacidade da alfabetização proficiente e da educação como um todo abrirem oportunidades para as camadas mais pobres.

Contudo, deve se desmistificar a ideia de que o desenvolvimento socioeconômico se dá em decorrência do letramento. Soares (2009, p. 112-113) defende que "o pressuposto de que o letramento leva ao crescimento econômico e ao progresso social não tem qualquer suporte empírico". A comparação dos índices de letramento com indicadores socioeconômicos (PIB, natalidade, mortalidade) demonstram que as taxas de analfabetismo e a pobreza "andam de mãos dadas".

Da mesma forma, é certo que a meritocracia é uma realidade bastante desigual no Brasil: jovens com futuro promissor por vezes são afetados pela violência, falta de investimentos, com escolas e instituições de ensino superior (IES) despreparadas para recebe-los e possibilitar condições de permanência e desenvolvimento. Assim, é compreensível também o fenômeno da "fuga de cérebros" no qual diversos profissionais capacitados migram para trabalhar em outros países. Rojo (2009) detalha os problemas educacionais para efetivar uma cultura letrada e inclusiva:

Para além da nossa experiência cotidiana das salas de aula e da impressão de desinteresse, desânimo e resistência dos alunos das camadas populares em relação a propostas de ensino e letramento oferecidas pelas práticas escolares, resultados concretos e mensuráveis como esses configuram um quadro de ineficácia das práticas didáticas que nos leva a perguntar: como alunos de relativamente longa duração de escolaridade puderam desenvolver capacidades leitoras tão limitadas? (...) (ROJO, 2009, p.35)

Portanto, as escolas brasileiras defrontam adversidades sociais que se assomam aos problemas de aprendizagem e capacitação dos docentes. Muitos jovens carentes que chegam na EJA possuem esperanças de um futuro melhor, porém se decepcionam com as perspectivas possíveis. A recente pandemia de *Covid-19* chamou atenção para o aumento da evasão escolar e deficiências na aprendizagem. Por outro lado, é interessante ressaltar as considerações de Carneiro e Rocha (2009) sobre a empregada doméstica Leninha citada no primeiro tópico:

Para ela, o problema aparece da seguinte maneira: apesar de ser analfabeta, ou “uma “jumenta”, luta pelo seu valor através da afirmação de suas qualidades que segundo ela merecem ser admiradas: “O povo fica doido comigo, mas sabe por causa de quê? Porque eu sei *trabalhá*, eu sou *ligêra*, eu sou esperta, eu sou direita” [...] Leninha se vale da afirmação ostensiva da meritocracia (a mesma ideologia que a condena por ser analfabeta e empregada doméstica e possuir modos “rudes”) para afirmar seu valor através dos critérios pelos quais se vê pautando seu trabalho e sua vida. (CARNEIRO E ROCHA, 2009, p. 139)

Destarte, o relato de Leninha em “A ralé brasileira” ajuda a conhecer as perspectivas das camadas brasileiras mais pobres. A empregada se utiliza do seu esforço e a exploração do marido para tornar suas necessidades a afirmação da sua dignidade. Da mesma forma, jovens marginalizados que ingressam na escola ou em uma universidade constataam a incessante necessidade de autoafirmação em ambientes elitizados. O processo de letramento, nesse sentido, ainda não é inclusivo.

Na perspectiva de Targino (2017, p. 39) as “práticas de letramento são demarcadas por traços sociais, culturais, econômicos, históricos e geográficos em que ocorrem”. Ou seja, a leitura e a escrita caminham junto com o contexto social. Ainda que o jovem pobre seja letrado, pode vivenciar incapacidade de assimilar seus conhecimentos em um ambiente considerado excludente. É atribuição do estado, das instituições e da comunidade ofertar educação e condições de vida igualitárias.

Traçando um paralelo, a criança ou adolescente criado no contexto do letramento literário (literatura infanto-juvenil, brincadeiras) e uma educação digna desde a primeira infância, efetivamente podem lidar com mais tranquilidade perante a cobrança de letramentos elitizados na idade adulta. Nesse sentido, a inclusão tecnológica e cultural para as comunidades mais distantes ou violentas representa uma forma de tirar muitos jovens da evasão e do desalento.

Conforme Lustosa et. al (2017, p. 193) muitos segmentos de jovens e adultos, seja por causa do trabalho, desmotivação, dificuldade para acompanhar a instituição ou dependência química, abandonam a escola e após um período, vivem dificuldades para entrar no mercado de trabalho. As escolas, portanto, devem restaurá-los ao processo de alfabetização e letramento para oportunizar a entrada no mercado profissional, porém, sem nunca esquecer o valor que a inclusão tecnológica também pode oferecer para a efetivação do letramento em um mundo cada vez mais digital.

Entretanto, como ressaltam Lustosa et al. (2017, p. 194) “[...] num Brasil de tantos brasis, as idiosincrasias sociais e econômicas mostram-se significativas e a exclusão é potencializada”. Assim, os diferentes núcleos da sociedade devem se juntar para oferecer oportunidades de letramento aliadas a inclusão digital, pressupondo que através desses conhecimentos e tecnologias possa se desenvolver profissionalmente os estudantes.

Devido a esse panorama apesar de corresponder a um patamar abstrato de aprendizagem, o letramento, é também uma conquista coletiva. Segundo Rojo (2009, p. 12), “[...] cabe à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, [...], mas também as culturas locais e populares [...] para torná-las vozes de um diálogo. ” Desse modo, a oferta de emprego digno, esporte, cultura, arte, música e a ressocialização em comunidades afetadas pela violência, fome e analfabetismo oportunizam a inclusão.

Por conseguinte, além de integração digital, deve se reforçar a EJA (já apresentada no primeiro tópico) como motor de inclusão social de comunidades marginalizadas. A oferta da EJA carece de estrutura e mobilização, pois na perspectiva de Campos e Sá (2017, P. 158) novas possibilidades de crescimento profissional estão surgindo e exigindo mais qualificação e modernização.

Nesse sentido, o processo de letramento e ampliação dos conhecimentos de mundo através da efetivação das habilidades e aprendizagens essenciais, inserindo mão de obra capacitada no mercado de trabalho e tirando muitas famílias da condição de vulnerabilidade social. Mesmo assim, somente com didática e metodologias compatíveis com as realidades das comunidades os processos de inclusão serão efetivos, com “propostas que realmente atendam às demandas formativas dos sujeitos”. (LUSTOSA et al, 2017, p. 199)

Em suma, os letramentos correspondem a uma sucessão de ações sociais e educacionais que de maneira correlacionada, respondem positivamente a uma educação de qualidade, condições de vida dignas, acessibilidade, inserção digital e uma série de indicadores sociais. Uma alfabetização proficiente não garante por si só a um empregado doméstico na EJA a inclusão social e o letramento em um país desigual, vincula-se as oportunidades de trabalho dos jovens e adultos, a qualidade das instituições e as condições de vida dignas.

4. METODOLOGIA

Para este trabalho utilizou-se da pesquisa qualitativa como escolha metodológica. Quanto aos procedimentos, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo foram adotadas. Os teóricos Marconi e Lakatos (2017, p. 199) salientam que pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia tornada pública em relação a um tema, incluindo revistas, livros, monografias, teses, dissertações e artigos.

Dessa forma, o levantamento bibliográfico da pesquisa incluiu o acesso a livros, artigos de periódicos e dissertações de mestrado de uma série de autores como: Freire (2003), Rojo (2009), Soares (2009), Souza (2009) e Targino et al (2017) acerca dos seguintes temas: trabalho doméstico; personalidades e personagens domésticas; educação de jovens e adultos; letramento; analfabetismo funcional e inclusão social.

A pesquisa de campo voltada nos relatos, para Marconi e Lakatos (2017, p. 213) "É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social". Esse tipo de pesquisa ajuda a coletar informações de comunidades próximas acerca de um tema com pouca bibliografia disponível para a pesquisa, além de enriquecer os dados e as conclusões levantadas.

Por isso, para a coleta dos relatos destacada se optou por realizar entrevistas com cinco empregadas domésticas que residem no município de São Bento – PB, através de questionários acerca de dados básicos e informações sobre a escolarização dessas mulheres. Informações confidenciais foram preservadas e atribuiu-se nomes fictícios: Aparecida, Célia, Francisca, Giovana e Raquel. Cada uma das entrevistadas engloba faixas etárias e anseios diferentes.

As perguntas (APÊNDICE A) tocaram nos seguintes pontos: idade; estado civil; filhos; religião; escolaridade; nível de leitura e escrita (alfabetismo); por que deixou a escola; como era a sua vida escolar; O que levou a profissão de doméstica; leituras e mídias que tem acesso; como era a vida escolar; as dificuldades da vida doméstica.

A seguir, a alternativa utilizada para coletar as respostas foi a gravação de áudio de relatos curtos das empregadas domésticas em suas residências, com a devida autorização de coleta. Cada entrevista foi transcrita e todas as respostas constam nos apêndices. (APÊNDICE B). O termo de consentimento de gravação está presente nos anexos (ANEXO A).

5. TRABALHO DOMÉSTICO E ESCOLARIZAÇÃO: VOZES DE EMPREGADAS QUE ECOAM NO SERTÃO PARAIBANO

Nesse sentido, para a realização da pesquisa de campo com as empregadas domésticas, elaborou-se um questionário de entrevista (APÊNDICE A). O questionário toca nos seguintes pontos: idade; estado civil; filhos; religião; escolaridade; o que levou a abandonar a escola; o que costuma ler e assistir; como era a vida escolar; o motivo que fez entrar no trabalho de doméstica; o nível de leitura.

As entrevistas foram realizadas em dezembro de 2022 de forma presencial. Todas as cinco entrevistadas são mulheres adultas, empregadas domésticas e/ou diaristas residentes no município de São Bento na Paraíba. Todas concordaram em ter seus relatos transcritos de forma anônima, com nomes fictícios. (APÊNDICE B)

A seguir, trata-se dos cinco relatos. A primeira entrevistada, Aparecida (1ª), é a mais velha entre as mulheres consultadas. Além do sotaque típico da população com mais idade da região, ressalta uma série de pontos recorrentes na vida das mulheres que viveram o século passado no sertão paraibano:

Tenho 52 anos. Sou Casada. Tenho dois filhos. Sou católica. Estudei até o primeiro ano só. Não aprendi nem a assinar o nome. Foi falta de interesse mesmo, não tive interesse. Não tive interesse pelos estudos não. Tinha um irmão meu que não deixava eu assistir aula. Já trabalhei muito aqui em São Bento. O interesse no serviço foi esse mesmo, eu não querer estudar mesmo, e meu irmão não deixava eu assistir aula. E me envolvi com um namoro nova demais né.... Não sei cozinhar muito não, sei fazer só comida simples mesmo. Aí nem sei ler nem escrever. É, gostei né da profissão. Só, pra arrumar. É, também lavava roupa de ganho né, gostava.
(APARECIDA, APÊNDICE B)

Dessa forma, Aparecida carrega consigo aspectos comuns entre a maioria das entrevistadas: o abandono escolar prematuro, o machismo estrutural, a gravidez na adolescência, o trabalho infantil e a aceitação da sua carreira de doméstica em meio a uma situação de pobreza ao longo de toda a vida. Os relatos que produzem a rotina e pensamentos próprios da infância dessas mulheres.

Quanto ao sotaque são bentense, na perspectiva de Marroquim (2008, p. 27) "A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada". O principal aspecto é que as vogais são todas pronunciadas e a vogal "e" quase sempre é aberta. O sotaque também é uma marca identitária.

Das cinco entrevistadas apenas Aparecida é analfabeta, diretamente relacionado ao conceito de analfabetismo absoluto de Targino (2017, p. 33) no qual não há decodificação, leitura ou escrita mínima. A entrevistada é produto de um descaso crasso com a educação, especialmente em plena ditadura militar (1964-1985) na qual a educação da Paraíba também era deixada de lado.

A trajetória de Lenira Maria de Carvalho, discutida anteriormente e levantada por Santos (2018, p. 47) também dialoga com esses pontos: havia desinteresse na escolarização, aliado à falta de escolas e o incentivo ao casamento e trabalho infantil. Destarte, Aparecida é o retrato do modelo educacional e social do século passado. Carrega o estigma do analfabetismo e encontrou no trabalho doméstico seu sustento.

A próxima entrevistada, Célia (2ª), trouxe um relato mais longo. Carrega um sotaque nordestino menos acentuado percorrido por Marroquim (2008), ou seja, uma fala menos arrastada. Também traz a mesma trajetória de uma mulher sertaneja criada em um meio machista, excludente e com a educação em segundo plano:

Tenho 42 anos. Tenho dois filhos, mas sou solteira. Sou católica. É, a gente desistiu dos estudos porque, é, meu pai e minha mãe tinham uma família grande, que eram dez homens e quatro mulheres, e na época só existia eu de mulher, solteira, e só tinha eu para, tipo, fazer as coisas para ajudar ela, né? E, meu pai não permitia eu estudar durante o dia porque tinha que trabalhar, e antigamente né, tinha que deixar o café na roça, ia deixar água na roça, tinha o horário de ir deixar né? O horário certo. Foi no tempo que usavam a palmatória na escola com quem não se comportasse. E a noite tinha transporte para a gente estudar, mas meu pai não confiava da gente estudar. Aí, onde... tipo, a gente não terminou os estudos por causa disso. Por motivo que meu pai, hoje, me sinto assim né, porque eu queria ter terminado meus estudos, é muito importante em questão do estudo, hoje em dia você ter estudo, muito bom mesmo. Minha profissão hoje, né, trabalho como doméstica em São Bento, trabalho que aqui no Nordeste é desvalorizado né? Mas eu gosto, gosto de trabalhar, mas, é, queria ter meus estudos hoje para um dia, né, ser alguém na vida, mas, foi na vontade dele né, fazer o quê. Como a gente era adolescente né, treze e quatorze anos meu pai não confiaria, tipo, da gente estudar a noite, ele nunca confiou. Aí pronto, tenho bastante dificuldade para ler e escrever. O que eu leio é a bíblia e o que assisto é novela. Estudei até desistir no sexto ano né, nem terminei, mas é muito importante estudo hoje, muito. (CÉLIA, APÊNDICE B)

Sem dúvida, o relato de Célia ajuda a compreender o cenário do século passado: haviam famílias numerosas e o acúmulo de tarefas para as crianças do gênero feminino. Sobretudo, predominavam “paus de arara” como meio de transporte escolar precário durante algumas décadas, especialmente no turno da noite, que correspondia a preocupação do pai da entrevistada.

Assim, somavam-se uma série de fatores como machismo refletido nas atitudes do pai, a falta de transporte, além das constantes punições na escola. Como Célia ressalta: em meio as cobranças por ser uma única mulher em casa, abandona a escola e recorre ao trabalho doméstico, atividade pelo qual já estava habituada.

Segundo Santos (2018, p. 84) o trabalho doméstico é realizado por cinco milhões de brasileiros: a maioria são mulheres de camadas desfavorecidas, que fazem um trabalho desvalorizado. Célia encontra no trabalho doméstico uma profissão honesta e compatível com as possibilidades do sertão no final do século XX.

Ainda, sobre a cultura letrada, há um ponto que se repete em outros relatos: o contato com as telenovelas. Souza e Dalbeto (2013, p. 1889) destacam que pela presença nos lares brasileiros, as telenovelas se tornaram um produto que participa na construção da realidade social e na criação da imagem de um país diversificado. A televisão segue como veículo relevante desde os anos 1980, apesar de perder de público para o *streaming* (conteúdo online sob demanda, como a *Netflix*).

A seguir, o relato da terceira entrevistada, Francisca (3ª) permeia essa realidade são-bentense de pobreza e falta de escolaridade do século XX. Evangélica, saiu da escola antes de chegar aos anos finais do ensino fundamental por causa da pobreza e de uma gravidez aos quinze anos de idade.

Tenho 36 anos, sou daqui de São Bento. Sou casada. É porque assim, eu praticamente nem estudei, estudei só até a quarta série e desisti no quinto ano, no meio do ano, então não concluí, né. Aí assim, naquele tempo era muito difícil. É, pra mim estudar. Meus pais não tinham condições financeiras e era muita dificuldade. Enfim, eu também me casei nova, com quinze anos eu já tava grávida, aí eu vou completar trinta e sete anos, aí assim, eu tive que desistir dos estudos né. Porque tinha um bebê e tinha que cuidar. Aí eu tenho 3 filhos, aí nunca quis voltar a estudar não. Sei ler, sei escrever, mas... não estudei muito. Sim, você perguntou o livro que eu gosto né de ler. Mulher eu só leio a bíblia. É o livro que eu tenho em casa, né. Acredito que todo mundo tem. Eu gosto muito de ler a bíblia, sabe? Eu sou evangélica e eu gosto de ler a bíblia. Gostaria de ler ela todinha um dia, mas ainda não cheguei a ler, mas é, eu leio só a bíblia, não tem outros livros não. (FRANCISCA, APÊNDICE B)

Novamente, a pobreza e a gravidez na adolescência aparecem como empecilhos para a escolarização. Francisca demonstra nos seus relatos estar satisfeita com seu nível de alfabetização e a condição de doméstica, destacando no relato as razões do abandono escolar e o papel da religião evangélica na sua vida.

Acerca dos relatos supracitados da doméstica Francisca, mais uma vez figura em meio a trajetória de gravidez na adolescência e de fragilidade social como motor de promoção do abandono escolar e de ingresso ao trabalho doméstico. A própria cultura sertaneja trazia consigo esses problemas sociais delicados.

Resende (2008, p. 228) ressalta que a escola se constitui como instância motivadora de práticas de leitura e de escrita quando se está inserido nela quando se é aluno ou quando os filhos estão inseridos nela. Por isso, Francisca deixou precocemente a escola e valoriza a educação, mas não pretende voltar a estudar.

Predominantemente, Francisca destaca a relevância da religião evangélica e da Bíblia na sua cultura letrada. Suas declarações remetem a dissertação de Resende (2008, p. 194) quando destaca a ascensão da classe evangélica do país. As práticas letradas da religião evangélica estiveram presentes em três das quatro domésticas que a autora pesquisou. Para praticar a doutrina, as empregadas se envolvem na leitura da bíblia e contato com as produções musicais.

Conforme Santos (2018, p. 63) o letramento pode estar em contextos diversos, como família, igreja e no trabalho. Francisca, apesar da pouca escolaridade, possui o nível básico de alfabetismo e utiliza da sua escrita e da rotina religiosa para aperfeiçoar seu trabalho e exercer a aproximação com a escrita e letramento através da Bíblia.

Posteriormente, Giovana (4ª) é a mais jovem entre as domésticas entrevistadas: possui apenas 18 anos e é a única que frequenta a escola dentre as entrevistadas, através da Educação de Jovens e Adultos, assim como trata:

Eu parei de estudar quando tinha quinze anos, quando engravidei do único filho que eu tenho, muito novinha mesmo, antes de terminar o fundamental, no nono ano. Aí comecei a trabalhar de diarista, nas casas, para sustentar meu filho, e trabalho até hoje, sempre aparece faxina para fazer. Hoje tenho 18 anos. Sou evangélica. Aí eu decidi voltar para a escola faz pouco tempo. Só tenho oportunidade de estudar só na parte da noite. Então, apareceu muitas escolas hoje em dia com tempo integral, né, mas não dava certo para mim, passar o dia dentro da escola, porque preciso do dinheiro do trabalho de doméstica durante o dia, e tenho uma criança para criar. Por isso foi bom essa chance de estudar na EJA a noite aqui de São Bento. Aumentou muito os alunos da noite depois que apareceu o integral. Minha mãe fica com meu filho pequeno à noite para eu ir à escola. A EJA é a chance que tenho de conseguir um emprego melhor, depois de terminar o ensino médio. Meu nível de leitura ainda é fraquinho, é médio não tenho costume de ler muita coisa. Estou melhorando. (GIOVANA, APÊNDICE B)

Apesar de pertencer a uma geração que discute a gravidez na adolescência, Giovana deixou a escola por causa de um filho, mas tomou uma atitude importante: retornar à escola depois da maternidade. Não obstante, a Educação de Jovens e Adultos apareceu como uma oportunidade para Giovana voltar a estudar: exerce o trabalho doméstico durante o dia e estuda à noite com a ajuda da avó da criança.

A Educação de Jovens e Adultos carrega uma série de implicações que dialogam com a realidade de Giovana: Campos e Sá (2017, 161) ressaltam os motivos do abandono escolar e também a inadequação das aulas da EJA. É essencial a efetivação de políticas educacionais que resgatem os cidadãos para a escola. Canto, (2011, p. 111) suscita as constantes idas e vindas na escola daqueles que frequentam a EJA, acompanhados do desânimo ressaltado por Rojo (2009, .35).

Entretanto, apesar das deficiências, a EJA é a oportunidade de muitos trabalhadores de saírem da condição de. Giovana, portanto, é a única dentre as entrevistadas que almeja a conclusão da educação básica. As escolas devem acolher alunos em situações vulneráveis e evitar o abandono por decorrência do trabalho, em meio a adesão à EJA pela expansão do ensino integral.

É tarefa do estado e dos educadores construir uma educação mais inclusiva. Conforme Canto (2009, p. 43), as domésticas são marcadas pelo trabalho desde muito cedo. Muitas mulheres renunciam a si pelos outros. Sem escolaridade, perdem oportunidades de desenvolvimento. A EJA entra como uma garantia à educação, trazendo jovens e adultos de volta a seu lugar de direito: a escola.

Por último, a entrevistada Raquel (5ª) tem apenas 20 anos e deixou a escola cedo. Todavia, não quer voltar a escola e anseia deixar o trabalho de babá para trás:

Eu tenho 20 anos, não tenho filhos. Sou junta. Sou católica. Eu desisti dos meus estudos, porque... eu não tinha interesse na escola, não tinha interesse de aprender, é, o que os professores passavam, e também eu me juntei cedo: me juntei com quinze anos e queria me dedicar a minha casa e ao meu curso de maquiagem, também, que eu entrei na época. Eu era babá, era o único ganho que eu tirava, como babá. Aí faz um tempo que comecei a trabalhar com maquiagem e trabalho até hoje de empreendedora aqui em São Bento para não depender do serviço de doméstica. Aí era essa rotina, não dava tempo fazer o almoço, arrumar a casa e ir para a escola todo dia. Aí eu desisti dos estudos no sétimo ano do ensino fundamental, e hoje sei ler e escrever o básico. Não tenho mais vontade de voltar para a escola não, é, quero trabalhar só no meu comércio de maquiagem mesmo, tem muito serviço quando tem festa nos finais de semana. Eu não tenho costume de ler não, gosto de assistir essas séries, filmes da *netflix*, algumas novelas. E é isso aí. (RAQUEL, APÊNDICE B)

A rotina de violência simbólica dissertada por Souza (2009, p. 15) está presente no relato de Raquel. A jovem dependia do trabalho de babá para sobreviver, manifestou desinteresse na escola e começou a exercer o empreendedorismo. Vê-se o temor da entrevistada de retornar ao serviço doméstico através do interesse investir na área de maquiagem, em expansão no município paraibano.

Assim como destaca, Raquel abriu mão da vida escolar em detrimento da vida de dona de casa e pela necessidade de ter uma renda. As mulheres, no posicionamento de Canto (2009, p. 104) desde pequenas, veem a mãe fazer o serviço da casa, ajudando. Essas atribuições demarcam as divisões de gênero. Raquel traz consigo essa característica, valorizando bastante o trabalho doméstico rotineiro, mas ao mesmo tempo almejando novas possibilidades através da maquiagem.

Apesar de não se identificar com o trabalho doméstico como Leninha, citada por Carneiro e Rocha (2009, p. 125) no primeiro tópico deste trabalho, Raquel busca sair dessa situação de vulnerabilidade e abandona a escola por uma série de fatores que levaram ao desinteresse. Assim como Leninha, Raquel busca ascensão social. Cabe lembrar que é atribuição do estado, das instituições e docentes propiciar uma educação menos excludente e mais contextualizada para evitar a evasão escolar.

Acerca da cultura letrada que vivencia, Raquel relata que não tem hábito de leitura, assiste séries do serviço *Netflix* e acompanha algumas telenovelas. Mais uma vez, é recorrente a falta de hábito de leitura entre as entrevistadas, acompanhadas pelo protagonismo da televisão e dos novos serviços de *streaming*. Conforme Freire (2003): “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Tais produções contemporâneas, também aproximam Raquel de temas úteis para o trabalho, apesar de haver muitas cobranças de leitura no mundo contemporâneo.

Assim sendo, todas as entrevistadas, além de serem mulheres domésticas de São Bento – PB com trajetórias de luta, têm em comum o fato de terem abandonado a escola no ensino fundamental e convivido com a gravidez na adolescência, o trabalho infantil e o machismo. Visualiza-se, ainda, a realidade persistente da gravidez na adolescência e desinteresse na vida escolar em amplas as faixas etárias.

Espera-se que com o advento dessa pesquisa sejam oportunizadas mais formas de inclusão e detalhamento da vida das domésticas e da realidade escolar brasileira. Apesar de tantos conceitos de letramento predominantes, é certo que o alfabetismo ainda tem muito a avançar em um país tão desigual.

Soares (2009, p. 112): acredita que “[...] avaliar e medir o letramento é uma tarefa altamente complexa e difícil: ela exige uma definição precisa de letramento [...]”, por isso, deve se reformular as políticas e estratégias de alfabetização e de letramento no Brasil. Através de provas como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) identifica-se a situação do alfabetismo nas escolas brasileiras.

Por isso, a discussão em torno de domésticas do município de São Bento engloba uma variedade de lutas de classe, avanços sociais, educacionais e de gênero em uma localidade onde durante séculos predominou o analfabetismo, o machismo e o trabalho infantil. Também se visualiza a necessidade de valorizar a classe doméstica e aperfeiçoar a Educação de Jovens e Adultos e o Novo Ensino Médio.

Através dos resultados, foi possível constatar através da pesquisa bibliográfica e das cinco entrevistas realizadas a revelação de um cenário persistente de abandono escolar e analfabetismo funcional entre parcelas mais carentes da população brasileira, ilustradas inclusive na realidade da classe doméstica e de um pequeno município paraibano, que foi palco de discussão desse trabalho.

É requerida a melhoria das condições de acesso, permanência dos estudantes na escola, como também melhorar a qualidade do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Igualmente, se requerem mais pesquisas e capacitações voltadas ao letramento, a alfabetização proficiente e acesso ao mercado de trabalho de maneira eficiente no Brasil, através de capacitações.

Em suma, os professores de língua portuguesa devem levar em conta as diversas concepções de letramento, o valor do letramento literário e as diversificadas oportunidades de leitura de mundo para oferecer um ensino mais inclusivo e com mais qualidade aos seus estudantes. O letramento também é um processo contínuo de socialização das habilidades de leitura, escrita adaptada as realidades sociais variadas. As novas possibilidades de letramento devem ser exploradas.

Portanto, através da melhoria da educação, da manutenção das crianças e adolescentes na escola e do oferecimento dos direitos trabalhistas e previdenciários da classe doméstica e da classe educacional, possibilita-se a superação de parte das problemáticas propostas e as condições de letramento almejadas. Essa pesquisa não busca fazer julgamentos de valor, e apenas estimula mais professores, pesquisadores e sociólogos a tratar dos temas do analfabetismo funcional, da vida das domésticas e do letramento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa, foi possível conhecer de perto as histórias de luta da categoria das empregadas domésticas, bem como aproximar os conceitos de letramento e alfabetismo proficiente das práticas escolares vigentes na atualidade, que são demarcadas pelo uso da tecnologia e diferentes habilidades e demandas de um mundo globalizado. Os docentes da área de língua portuguesa devem se capacitar para trazer essas novas demandas as salas de aula.

Assim sendo, as trajetórias das cinco domésticas entrevistadas chamam atenção para os aspectos que a educação brasileira ainda é falha, bem como as responsabilidades do estado e da sociedade perante a formação e a inserção no mercado de trabalho dos jovens em um país desigual. O letramento, principalmente nas aulas de língua portuguesa da contemporaneidade, é um conceito recente que inclui as diferentes competências e usos sociais efetivos da escrita e leitura aliada aos conhecimentos de mundo dos indivíduos.

As práticas de letramento da atualidade, nesse sentido, chamam atenção para textos digitais e habilidades tecnológicas, além do uso efetivo dos conhecimentos em um mercado de trabalho mais exigente. O papel da escola, do estado e da sociedade é acolher, incluir, formar e aperfeiçoar as habilidades dos estudantes de maneira integral para oportunizar trabalho e condições de vida dignas.

Não obstante, essa pesquisa abre um leque de possibilidades para a educação do sertão da Paraíba. O município de São Bento – Paraíba, palco das cinco entrevistas, ainda tem muitos problemas educacionais e sociais a amenizar em meio ao seu crescimento acelerado. Espera-se que os exemplos das cinco mulheres domésticas seja um ponto de partida para mais pesquisas voltadas as camadas carentes do Nordeste.

Em conclusão, perante as práticas de letramento dissertadas, personalidades e personagens estudadas e os relatos das domésticas do município de São Bento no sertão da Paraíba, revelou-se o cenário persistente de evasão escolar e analfabetismo funcional entre parcelas mais pobres da população brasileira. É requerida a melhoria das condições de vida das empregadas domésticas, como também proporcionar o acesso, permanência e qualidade do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de mais pesquisas e capacitações voltadas ao letramento.

7. REFERÊNCIAS

ANJO MAU. Direção: Emilio Di Biasi. José Luiz Villamarim. Carlos Araújo. Duração: 173 episódios. Emissora de televisão original: Rede Globo de Televisão. 1997/1998. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/anjo-mau/t/kS6bP62RRG/?origemId=91698>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, Ministério da Educação, 2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** Lei nº 9.394. 1996.

_____. **Proposta de Emenda à Constituição nº. 66, de 2012.** Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e demais trabalhadores urbanos e rurais. Brasília: Senado Federal, 2012. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/109761>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2022.

CAMPOS, Francidalva Almeida de Sousa. SÁ, Ivete Rodrigues de Sousa. **Educação de Jovens e Adultos.** In: TARGINO et al. (Orgs.) **Alfabetização e letramento: múltiplas perspectivas** P. 155-168. 2017.

CANTO, Liana Pereira Machado. **Narrativas de trabalhadoras domésticas estudantes da EJA e suas relações com o saber.** Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação Em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/1970>>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

CARNEIRO. Maria Teresa; ROCHA, Emerson. Do fundo do buraco: O drama social das empregadas domésticas. In: SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira - Quem é e como vive.** Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CHEIAS DE CHARME. Direção: Denise Saraceni. Duração: 143 episódios. Emissora de televisão original: Rede Globo de Televisão. 2012. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/cheias-de-charme/t/ZHd9f7R1d2/>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

DA COR DO PECADO. Direção: Denise Saraceni. Duração: 185 episódios. Emissora de televisão original: Rede Globo de Televisão. 2004. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/da-cor-do-pecado/t/H8PY7DLydf/?origemId=91698>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LAÇOS DE FAMÍLIA. Direção: Ricardo Waddington. Duração: 209 episódios. Emissora de televisão original: Rede Globo de Televisão. 2000/2001. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/lacos-de-familia/t/SgDbgrVWJX/?origemId=91698>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

LUSTOSA, et al. **Letramento digital na educação de jovens e adultos.** In: TARGINO et al. (Orgs.) **Alfabetização e letramento: múltiplas perspectivas** P. 187-202. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARROQUIM, Mário. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco.** 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2008.

MOURA, Iara Gomes de. **Mulheres sem classe? mídia e classe social num Brasil em ascensão.** 149 f. Orientadora: Carla Fernanda Pereira Barros. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2015. Disponível em: <<https://ppgcom.uff.br/iara-gomes-de-moura/>>, Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa de. Letramentos em terra brasilis: exclusões digitais e design crítico no ensino de língua portuguesa para além da pandemia. **Pensares em Revista**, [S.l.], n. 20, jan. 2021. ISSN 2317-2215. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/56616>>. Acesso em: 13 dez. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/pr.2021.56616>.

O OUTRO LADO DO PARAÍSO. Direção: André Felipe Binder. Mauro Mendonça Filho. Duração: 172 episódios. Emissora de televisão original: Rede Globo de Televisão. 2017/2018. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/o-outro-lado-do-paraiso/t/1cckn2nhSk/>>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

RESENDE, Patrícia Cappuccio de. **Modos de participação de empregadas domésticas nas culturas do escrito.** Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.. 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-84XQG5>>. Acesso em: 15 out. 2022.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: ParábolaEditorial, 2009.

SANTOS, Judith Karine Cavalcanti. **Quebrando as correntes invisíveis: uma análise crítica do trabalho doméstico no Brasil.** 120 f., il. Dissertação (Mestrado em Direito)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/8484>>. Acesso em: 21 dez. 2022

SANTOS, Zâmbia Osório dos, **Quando o texto fala**: narrativas de Lenira Maria de Carvalho, uma mulher negra, trabalhadora doméstica. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198417>>. Acesso em: 4 nov. 2022.

SILVA, Edielson Ricardo da. **A cor e o gênero da desigualdade**: as mulheres negras em telenovelas da Rede Globo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) - Universidade Federal da Paraíba, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/20249?locale=pt_BR>. Acesso em: 7 nov. 2022.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Hor: Autêntica 2009.

_____. **Letrar é mais que alfabetizar**. Entrevista. Jornal do Brasil: 2000

SOUZA, Florentina Neves; DALBETO, Lucas do Carmo. Patroas vs empregadas: o conflito das classes retratado nas telenovelas. **Logos**, [S.l.], v. 20, n. 1, out. 2013. ISSN 1982-2391. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/7714>>. Acesso em: 14 set. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/logos.2013.771>

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira** - Quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

TARGINO, Maria das Graças. **Universo mágico da alfabetização e do letramento** In: TARGINO et al. (Orgs.). **Alfabetização e letramento**: múltiplas perspectivas. (Orgs.). Teresina: EDUFPI, p. 31-46, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Nome? (Anônimo)
2. Qual a sua idade?
3. Qual seu estado civil?
4. Tem filhos? Se sim, quantos?
5. Qual sua religião?
6. Qual a sua escolaridade?
7. O que te levou a abandonar a escola?
8. O que você costuma ler e assistir?
9. Como era sua vida escolar?
10. Qual o motivo que fez entrar no trabalho de doméstica?
11. Qual seu nível de leitura?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS RESPOSTAS

Aparecida:

Tenho 52 anos. Sou casada. Tenho dois filhos. Sou católica. Estudei até o primeiro ano só. Não aprendi nem a assinar o nome. Foi falta de interesse mesmo, não tive interesse. Não tive interesse pelos estudos não. Tinha um irmão meu que não deixava eu assistir aula. Já trabalhei muito aqui em São Bento. O interesse no serviço foi esse mesmo, eu não querer estudar mesmo, e meu irmão não deixava eu assistir aula. E me envolvi com um namoro nova demais né.... Não sei cozinhar muito não, sei fazer só comida simples mesmo. Aí nem sei ler nem escrever. É, gostei né da profissão. Só, pra arrumar. É, também lavava roupa de ganho né, gostava.

Célia

Tenho 42 anos. Tenho dois filhos, mas sou solteira. Sou católica. É, a gente desistiu dos estudos porque, é, meu pai e minha mãe tinham uma família grande, que eram dez homens e quatro mulheres, e na época só existia eu de mulher, solteira, e só tinha eu para, tipo, fazer as coisas para ajudar ela, né? E, meu pai não permitia eu estudar durante o dia porque tinha que trabalhar, e antigamente né, tinha que deixar o café na roça, ia deixar água na roça, tinha o horário de ir deixar né? O horário certo. Foi no tempo que usavam a palmatória na escola com quem não se comportasse. E a noite tinha transporte para a gente estudar, mas meu pai não confiava da gente estudar. Aí, onde... tipo, a gente não terminou os estudos por causa disso. Por motivo que meu pai, hoje, me sinto assim né, porque eu queria ter terminado meus estudos, é muito importante em questão do estudo, hoje em dia você ter estudo, muito bom mesmo. Minha profissão hoje, né, trabalho como doméstica em São Bento, trabalho que aqui no Nordeste é desvalorizado né? Mas eu gosto, gosto de trabalhar, mas, é, queria ter meus estudos hoje para um dia, né, ser alguém na vida, mas, foi na vontade dele né, fazer o quê. Como a gente era adolescente né, treze e quatorze anos meu pai não confiaria, tipo, da gente estudar a noite, ele nunca confiou. Aí pronto, tenho bastante dificuldade de para ler e escrever. O que eu leio é a bíblia e o que assisto é novela. Estudei até desistir no sexto ano né, nem terminei, mas é muito importante estudo hoje, muito.

Francisca

Tenho 36 anos, sou daqui de São Bento. Sou casada. É porque assim, eu praticamente nem estudei, estudei só até a quarta série e desisti no quinto ano, no meio do ano, então não concluí, né. Aí assim, naquele tempo era muito difícil. É, pra mim estudar. Meus pais não tinham condições financeiras e era muita dificuldade. Enfim, eu também me casei nova, com quinze anos eu já tava grávida, aí eu vou completar trinta e sete anos, aí assim, eu tive que desistir dos estudos né. Porque tinha um bebê e tinha que cuidar. Aí eu tenho 3 filhos, aí nunca quis voltar a estudar não. Sei ler, sei escrever, mas... não estudei muito. Sim, você perguntou o livro que eu gosto né de ler. Mulher eu só leio a bíblia. É o livro que eu tenho em casa, né. Acredito que todo mundo tem. Eu gosto muito de ler a bíblia não sabe? Eu sou evangélica e eu gosto de ler a bíblia. Gostaria de ler ela todinha um dia, mas ainda não cheguei a ler, mas é, eu leio só a bíblia, não tem outros livros não.

Giovana

Eu parei de estudar quando tinha quinze anos, quando engravidei do único filho que eu tenho, muito novinha mesmo, antes de terminar o fundamental, no nono ano. Aí comecei a trabalhar de diarista, nas casas, para sustentar meu filho, e trabalho até hoje, sempre aparece faxina para fazer. Hoje tenho 18 anos. Sou evangélica. Aí eu decidi voltar para a escola faz pouco tempo. Só tenho oportunidade de estudar só na parte da noite. Então, apareceu muitas escolas hoje em dia com tempo integral, né, mas não dava certo para mim, passar o dia dentro da escola, porque preciso do dinheiro do trabalho de doméstica durante o dia, e tenho uma criança para criar. Por isso foi bom essa chance de estudar na EJA a noite aqui de São Bento. Aumentou muito os alunos da noite depois que apareceu o integral. Minha mãe fica com meu filho pequeno à noite para eu ir à escola. A EJA é a chance que tenho de conseguir um emprego melhor, depois de terminar o ensino médio. Meu nível de leitura ainda é fraquinho, é médio não tenho costume de ler muita coisa. Estou melhorando.

Raquel

Eu tenho 20 anos, não tenho filhos. Sou junta. Sou católica. Eu desisti dos meus estudos, porque... eu não tinha interesse na escola, não tinha interesse de aprender, é, o que os professores passavam, e também eu me juntei cedo: me juntei com quinze anos e queria me dedicar a minha casa e ao meu curso de maquiagem, também, que eu entrei na época. Eu era babá, era o único ganho que eu tirava, como babá. Aí faz um tempo que comecei a trabalhar com maquiagem e trabalho até hoje de empreendedora aqui em São Bento para não depender do serviço de doméstica. Aí era essa rotina, não dava tempo fazer o almoço, arrumar a casa e ir para a escola todo dia. Aí eu desisti dos estudos no sétimo ano do ensino fundamental, e hoje sei ler e escrever o básico. Não tenho mais vontade de voltar para a escola não, é, quero trabalhar só no meu comércio de maquiagem mesmo, tem muito serviço quando tem festa nos finais de semana. Eu não tenho costume de ler não, gosto de assistir essas séries, filmes da *netflix*, algumas novelas. E é isso aí.



ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado, o senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: RELATOS DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE SÃO BENTO - PB: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO, sob a responsabilidade de: Raissa Sandré Fernandes de Lima e da orientadora Bianca Sonale Fonseca da Silva, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem. Essa pesquisa recorre a entrevistas com empregadas domésticas que residem no município de São Bento – PB, através de pequenos questionários acerca de dados básicos e informações sobre a escolarização dessas mulheres. Informações confidenciais, como os nomes foram preservados.

As perguntas tocam nos seguintes pontos: idade; estado civil; filhos; religião; escolaridade; nível de leitura e escrita (alfabetismo); por que deixou a escola; como era a sua vida escolar; O que levou a profissão de doméstica; leituras e mídias que tem acesso; como era a vida escolar; quais as dificuldades da vida de doméstica. A alternativa utilizada para coletar as respostas foi a gravação de áudio de relatos autobiográficos curtos das empregadas domésticas. Cada entrevistada foi enumerada e caracterizada de forma anônima

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com a responsável pela pesquisa. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 3315 3373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br e da CONEP (quando pertinente).

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa RELATOS DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS DE SÃO BENTO - PB: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE LETRAMENTO e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

() DOU MEU CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DA PESQUISA

() AUTORIZO A GRAVAÇÃO DA MINHA VOZ

() **NÃO AUTORIZO A GRAVAÇÃO DA MINHA VOZ**

() AUTORIZO O USO DA MINHA IMAGEM E VÍDEO

() **NÃO AUTORIZO O USO DA MINHA IMAGEM E VÍDEO**

Catolé do Rocha, 23 de março de 2023.

Assinatura do Participante



Assinatura do Pesquisador